# Carta a Nicolau II

Querido irmão:

Este qualificativo me parece o mais conveniente porque, nesta carta, me dirijo menos ao imperador e ao homem, que ao irmão. E, ademais, a escrevo quase desde o outro mundo, encontrando-me à espera de uma morte bem próxima.

Não queria morrer sem dizer o que penso de vossa atividade presente, o que poderia ser, e o grande bem que poderia reportar a milhões de homens e a mesmo a vós, e o grande mal que podeis fazer se persistires em continuar pelo caminho que agora segues.

Um terço da Rússia está submetida a uma contínua vigilância policial; o exército de policiais conhecidos e secretos aumenta sem cessar; as prisões, os centros de deportação e os calabouços estão repletos; fora os duzentos mil criminosos comuns, há um número considerável de condenados políticos entre os quais consta agora uma multidão de operários. A censura com suas medidas repressivas chegou a tal grau que superou os piores momentos dos anos que se seguiram a 1840. As perseguições religiosas não foram nunca tão frequentes nem tão cruéis como o são agora, e tornam-se cada vez mais frequentes e mais cruéis.

Nas cidades e nos centros industriais concentram-se tropas, que armadas de fuzis se lançam contra o povo. Em alguns pontos já se produziram choques e matanças e em outros pontos se preparam mais choques e mais matanças, e a crueldade delas promete ser ainda maior.

O resultado de toda esta atividade cruel do governo é que o povo agricultor, os cem milhões de homens sobre os quais está fundado o poder da Rússia, apesar dos gastos do Estado crescerem consideravelmente, ou melhor, graças ao crescimento desses gastos, esse povo agricultor empobrece cada vez mais, de maneira que a fome chega a ser o estado normal, da mesma forma que o descontentamento de todas as classes trabalhadoras e a hostilidade delas para com o governo.

E a causa de tudo isso é tão clara que chega a ser evidente. Ei-la: vossos auxiliares lhe asseguram que controlar todo movimento da vida do povo, garantirá a felicidade deste povo e, ao mesmo tempo, vossa tranquilidade e segurança. Mas é mais fácil deter o curso de um rio do que o eterno movimento da humanidade que avança para a frente,

estabelecido por Deus. É bem fácil saber quais os homens a quem tal estado de coisas é vantajoso e que no fundo da alma dizem para si mesmos: *Depois de nós vem o dilúvio!* Mas é surpreendente que vós, homem bom e de inteligência possais crer neles, e que seguindo seus abomináveis conselhos, façais e deixai-os fazer tanto mal por uma ideia tão quimérica quanto deter o eterno movimento da humanidade.

Vós não podeis ignorar que desde que estudamos a vida dos povos, as formas econômicas e sociais, da mesma forma que as formas políticas e religiosas desta vida, têm avançado continuamente adiante, de grosseiras e cruéis que eram, têm se adocicado, convertendo-se em mais humanas, em mais razoáveis. Vossos conselheiros dizem que isso não é verdade, dizem que a ortodoxia e a autocracia são necessárias ao povo russo, tanto agora como antes, e que devem sê-lo até a consumação dos séculos, de maneira que para o bem do povo, custe o que custar, é preciso defender essas duas formas ligadas entre si; a crença religiosa e o estado político. Mas é uma dupla mentira: Primeiro, ninguém pode sustentar que a ortodoxia tenha sido em outra época própria do povo russo ou que poderia ser agora; dois informes dados pelo procurador geral do Santo Sínodo revelam que os membros do corpo espiritual, de inteligência mais desenvolvida, apesar de todas as desvantagens, dos perigos que correm, se afastam da ortodoxia para ingressar cada vez em maior número em outras seitas. Segundo, se fosse verdade que a ortodoxia é a religião própria do povo russo, não haveria necessidade de defender com tanta energia esta forma de crença, e de perseguir com tanta crueldade aos que a negam.

No que diz respeito a autocracia, sim, ela veio a calhar em cima do povo russo, quando esse povo olhava ao Tzar como um Deus terrenal e infalível dirigindo por si só o destino do povo; agora não é mais assim, pois todos sabem ou chegaram a saber: Primeiro, que um bom Rei não é mais do que uma casualidade feliz, que os reis podem ser e foram tiranos ou loucos, como João IV e Paulo. Segundo, que por mais bom e sábio que seja o Tzar, não pode dirigir por si mesmo uma população de cem milhões de homens, e quanto aos que estão ao lado do Tzar e que dirigem o povo, cuidam mais de própria situação deles do que do bem do povo.

Se dirá então: o Tzar pode escolher por auxiliares homens desinteressados e bons. Desgraçadamente o Tzar não pode fazê-lo, porque não conhece mais que algumas dezenas de homens que, por casualidade ou por diferentes intrigas, tem se acercado dele e apartado cuidadosamente aqueles que poderiam substituí-los. De maneira que o Tzar escolhe, não entre aqueles milhares de homens

verdadeiramente instruídos e honrados que aspiram a ocupar-se dos negócios públicos, e sim entre aqueles de quem disse Beaumarchais: *O homem medíocre e rasteiro chega a sê-lo integralmente*. E mesmo que os russos estejam prontos a obedecer ao Tzar, não podem fazê-lo sem sentir ganas de rebelar-se, de desobedecer as pessoas que desprezam. Vossa errônea crença no amor do povo pela autocracia e pelo seu representante, o Tzar, vos impede de ver o fato de que quando chega a Moscou e a outras cidades vos segue uma multidão correndo e gritando: *Hurra!* Não creiais que isto seja expressão de afeto a vossa pessoa. Não, é uma multidão de curiosos que correm de igual maneira detrás de cada espetáculo, pouco frequente. Em suma, essas pessoas que toma por representantes dos sentimentos do povo não são mais que uma multidão arrastada e instruída pela polícia.

Se vós pudésseis passear durante a passagem de um trem imperial, entre os camponeses colocados detrás do cordão de tropas, que estão ao largo da estrada e ouvir o que dizem estes camponeses, os síndicos e outros funcionários das aldeias levados ali pela força, das aldeias mais próximas, e que com frio ou chuva, sem nenhuma recompensa, e levando as provisões deles, esperam algumas vezes durante vários dias a passagem do trem, então ouvirias os verdadeiros representantes do povo, os simples camponeses, e palavras deles não expressam nenhum amor pela autocracia nem por seu representante.

Sim, faz cinquenta anos, no tempo de Nicolau I o prestígio do poder imperial era ainda bem grande, mas desde os últimos trinta anos não pára de baixar, e, nestes últimos anos tem caído tão baixo em todas as classes trabalhadoras que ninguém mais se oculta em censurar abertamente, não apenas as ordens do governo, como também as do próprio Tzar, zombando e insultando-o.

A autocracia é uma forma de governo que morreu. Talvez responda ainda às necessidade de alguns povos da África Central, afastados do resto do mundo, mas não responde às necessidades do povo russo cada dia mais culto, graças à instrução que vai sendo cada vez mais geral. Tanto que, para sustentar essa forma de governo e a ortodoxia ligada a ele, é preciso, como agora se faz, empregar todos os meios de violência, incluindo uma vigilância policial mais ativa e severa do que antes, a tortura, as perseguições religiosas, a proibição de livros e periódicos, a deformação da educação, e em geral de toda classe de atos de perversão e de crueldade. Tais tem sido até aqui os atos de vosso reinado, empreendidos com vossa concordância, que chegaram a provocar a indignação geral de toda a sociedade, como vosso qualificativo de *sonhos insensatos* aos desejos mais legítimos daquele

homem que os fez conhecer por ocasião da disputa dos zemstvos pelo governo de Tver. Todas vossas ordens sobre a Finlândia, sobre o açambarcamento na China, sobre o projeto da conferência de Haya, sobre o aumento de tropas, sobre a restrição da autonomia local, sobre o acréscimo dos abusos administrativos, sobre vosso consentimento às perseguições religiosas, sobre vosso consentimento ao monopólio do álcool, ou seja, a venda pelo governo de um veneno que mata o povo, e por último sobre vossa obstinação por manter a pena de morte, apesar de todas as petições que vos tem sido feitas para demonstrar a necessidade de derrogar tão insensata medida, absolutamente inútil e que constitui a vergonha do povo russo; todos estes atos, vós não o teríeis cometido sem seres inspirado por um conselho de auxiliares pouco sérios, com o fim de deter a vida do povo e até mesmo com a intenção de voltar ao antigo estado de coisas, já passado.

Pela violência pode-se oprimir o povo, mas não dirigí-lo. Em nosso tempo o único meio de dirigir o povo de uma maneira efetiva consiste em colocar-se ao lado do movimento do povo que busca o bem combatendo o mal, dos que saem das trevas buscando a luz, e dar-lhes os melhores meios para conseguir aquilo que tem condições de fazê-lo, e acima de tudo, há que se dar ao povo facilidade para que expresse o que deseja e o que necessita, e, uma vez ouvido, atender ao que corresponda, não às necessidades de uma classe rica, mas às necessidades da maioria do povo, às necessidades das massas proletárias.

E o desejo que agora expressaria o povo russo, se lhe desse possibilidade de fazê-lo, seria o seguinte:

Antes de mais nada, o povo trabalhador diria que deseja ver-se livre dessas leis exclusivistas que o colocam na situação de pária, aquele que não goza dos direitos dos demais cidadãos. O povo trabalhador diria que quer a liberdade de viajar, a liberdade de ensino, da crença que responda a suas necessidades espirituais. E, principalmente, esse povo de cem milhões de habitantes, diria em uma só voz, que deseja usufruir livremente da terra, ou seja, a abolição do direito de propriedade sobre a terra.

E a abolição deste direito de propriedade, segundo meu parecer, é o problema principal e o mais determinante que o governo deve resolver.

Em cada período da vida humana, existe certo grau de reforma que deve ocorrer antes que outras, posto que tende à melhora da vida.

Cinquenta anos antes, o problema mais interessante e determinante a resolver foi a abolição da escravidão, em nossos dias é a emancipação das classes trabalhadoras, a libertação dessa tutoria que pesa sobre elas, o que se chama de *a questão operária*.

Na Europa ocidental, o alcance deste fim parece possível pela socialização das fábricas. Esta solução do problema é justa ou não? É possível para os povos ocidentais? Mas, para a Rússia atual esta solução não é aplicável?

Na Rússia, onde uma enorme parcela da população vive da terra, e se encontra sob a absoluta dependência dos grandes proprietários de terra, a emancipação dos trabalhadores evidentemente não pode solucionar-se pela socialização das fábricas. Para o povo russo, a libertação não pode executar-se mais que por meio da abolição da propriedade da terra e do reconhecimento da livre posse da terra. Desde muito tempo é este o desejo mais ardente do povo russo, que espera continuamente que seus governos o realizem.

Sei que vossos conselheiros verão nestas ideias o cúmulo da leviandade e da falta de sentido prático de um homem que não compreende toda a dificuldade do que é governar, e sobretudo semelhante ideia de reconhecer a propriedade da terra como uma propriedade comum, parecerá como o maior dos absurdos, mas sei também que para não mais cometer violência sobre o povo, que cada vez há de ser mais cruel, não há mais que um único meio: tomar por objetivo o que é desejo do povo e, sem esperar que a avalanche desça montanha abaixo e esmague o que encontre, urge guiá-la por si mesmo, ou seja, caminhar adiante para a realização das melhores formas de vida. Para os russos, este fim, não pode ser outro senão a abolição da propriedade territorial. Somente assim poderá o governo, sem fazer concessões indignas, exercer um laço de união entre os operários das fábricas e a juventude das escolas, e sem temer por sua existência, servir de guia a seu povo e dirigir-lhe de uma maneira real.

Teus conselheiros lhe dirão que declarar livre a terra do direito de propriedade, é uma fantasia irrealizável. Segundo eles, forçar um povo vivente de cem milhões de almas a deixar de viver, a voltar a meter-se na concha que desde há muito tempo é necessário romper, não é uma fantasia, e sim a realidade e a obra mais sábia e mais prática. Mas basta refletir seriamente sobre o que é irrealizável e aborrecido para concluir que declarar livre a terra do direito de propriedade é não apenas realizável, como também necessário e oportuno, algo que deve ser feito imediatamente.

Eu, pessoalmente, penso que em nossa época a propriedade territorial é uma injustiça, uma injustiça tão clara como o foi a escravidão há quarenta anos atrás. Penso que a abolição da propriedade da terra colocaria o povo russo num grau maior de independência, de felicidade e de tranquilidade. Penso também que esta medida destruiria por completo essa irritação socialista e revolucionária que agora paira sobre os trabalhadores e ameaça com maiores males o governo e o povo.

Mas posso estar errado e esta não ser a solução do problema por enquanto. Então que o próprio povo, se tem possibilidade, expresse o que deseja. Em todo caso, a primeira missão que cabe ao governo é abolir o jugo que impede o povo de manifestar seus desejos e necessidades. Não se pode fazer bem a um homem que foi amordaçado com o fim de não ouvir o que ele deseja para seu bem. Somente conhecendo os desejos e as necessidades do povo, ou da maioria, é que se pode orientá-lo e fazer aquilo que é bom para ele.

Querido irmão, neste mundo vós não tendes mais que uma vida, e a podeis gastar em vãs tentativas para deter o movimento da humanidade desde o mal até o bem, desde as trevas até a luz, movimento este estabelecido por Deus. Mas vós podeis, conhecendo os desejos e as necessidades do povo e consagrando tua vida a satisfazê-los, remediar esse mal, viver tranquilo e satisfeito, servindo a Deus e aos homens.

E, por grande que seja vossa responsabilidade, pelos últimos anos de vosso reinado durante os quais podeis fazer muito bem ou muito mal, ainda maior é vossa responsabilidade diante de Deus em vossa vida na Terra, da qual depende vossa vida eterna, e que Deus a tem dado não para fazer ou tolerar obras perversas contra todas as classes trabalhadoras, mas para cumprir Sua vontade e Sua vontade é fazer o bem aos homens e não o mal.

Reflita sobre isso, não diante dos homens, e sim diante de Deus, e fazei o que Deus disser, ou seja, vossa consciência. E não tenhais medo dos obstáculos que possais encontrar. Se entrardes nesta nova via da vida estes obstáculos se destruirão por si mesmos, e percebereis isso se procederes não pela glória humana, e sim por vossa alma, ou seja, por Deus.

Perdoa-me se, por casualidade vos tenha ofendido ou desgostado com este escrito. Meu guia não tem sido outro senão o desejo pelo bem estar do povo russo e do vosso.

Logrei meu intento? O porvir o dirá; porvir que segundo todas as probabilidades, eu não verei. Fiz aquilo que acreditei ser meu dever.

Vosso irmão que, sinceramente, vos deseja o verdadeiro bem.

Leon Tolstoi

Gaspra, 16 de janeiro de 1902.

Versão em espanhol, *Chantal López* e *Omar Cortés (versão em língua portuguesa por Railton S. Guedes).*